

Em memória da colega professora e pesquisadora Erika Zimmermann

Numa espécie de coincidência inversa, não conheci Erika na UFSC, onde atuou por muitos anos, mas quando trabalhou na UnB e eu, então, na Católica de Brasília, onde, aliás, a substitui, buscando dar continuidade ao excelente trabalho que havia iniciado na coordenação pedagógica do curso de licenciatura em Física. Em cerca de três anos, em colaboração com outros colegas, publicamos um artigo, trabalhos em vários eventos, ministramos cursos de extensão para professores e organizamos um evento regional de ensino de física.

O fato de ter trabalhado diretamente com Erika durante os anos em que estive em Brasília oportunizou-me vivenciar características que leio em sua produção intelectual, embora, a duas delas a escritura acadêmica não dê suficiente acesso ao leitor que não a tenha conhecido pessoalmente: a constante alegria, vivacidade, e a intensidade com que trabalhava.

O trabalho de Erika sempre buscou aliar ação prática e produção intelectual, buscando subsídios à diversidade de suas ações formadoras, na rica diversidade e pluralidade que constituem o nosso campo de pesquisa em educação científica e tecnológica. Isso permitiu que ela atuasse intensamente sempre com sustentação teórico-metodológica adequada, e diversificada, tanto na formação inicial quanto continuada de professores, tanto na universidade quanto com presença formadora dentro das escolas de educação básica junto a professores e estagiários, tanto na educação formal quanto não-formal, como na questão dos museus de ciência. Eis algumas outras marcas da contribuição de Erika: sua enorme capacidade de diálogo, de flexibilidade, de abertura, de trabalho colaborativo. Esses anos de intensa e rica colaboração mostraram-me uma pessoa com intensa sede e imensa capacidade por estar sempre aprendendo, dialogando, uma estimável falta de dogmatismos e preconceitos, uma saudável ausência de panfletismos a não ser o da defesa da pluralidade e da busca pela educação científica de qualidade e para todos.

(Henrique César da Silva, CED/UFSC)

Erica Zimmermann was one of a stream of excellently-qualified Brazilians who came to The University of Reading to study for a Ph.D. under my supervision, starting with the editor of this journal, Arden Zylbersztajn. I do recall that she arrived with her daughter, Aline, aged about 5 years, who did not speak a word of English. Aline was enrolled in a local primary school, where the headteacher told the pupils that they were to teach English to Aline, who would, in reply, teach them about Brazil. This worked out splendidly, with Aline giving illustrated talks about Brazil to classes throughout the school. Moreover, her English developed so rapidly that, within three months of arriving in UK, she was correcting her mother's perfectly adequate spoken English. Against such a successful introduction to life in Reading, it was not surprising that Erika's studies progressed smoothly and she got her degree in the minimum time allowed, leaving behind her the memory of a very amiable person.'

(John K. Gilbert, Professor Emeritus, The University of Reading, Editor-in-Chief, International Journal of Science Education)